

Alô, ouvintes!

Cenatexto

Na Cenatexto anterior, dona Araci e Luís discutiram sobre meios de comunicação, em especial, sobre o rádio. Hoje eles voltam a se encontrar, mas dessa vez... Confira!

Dona Araci estava tão absorta em louças e notícias que foi preciso o rapaz chamar três vezes para que ela o atendesse:

- Bom dia, Luís! Uma média com pão de queijo?

- Não, não! Infelizmente, agora não tenho tempo. Passei aqui só para deixar este livro com a senhora. Ontem, comentei com minha irmã aquele nosso papo sobre rádio e ela, que vive de livro na mão, leu pra mim uma crônica. Acho que a senhora pode gostar. Foi escrita por um conterrâneo nosso, o Fernando Sabino. A página tá marcada aí. Pode ler. Agora deixa eu pegar no batente antes que me peguem por aqui.

- Obrigada, rapaz! Apareça pros comentários.

Como o movimento àquela hora era fraco e o serviço acabara, dona Araci abriu o livro na página marcada pelo Luís e passou à leitura:

O rádio, esse mistério

Modéstia à parte, também tenho lá minha experiência de rádio. Quando era menino em Belo Horizonte, fui locutor do programa “Gurilândia” da Rádio Guarani. Não me pagavam nada, a Rádio Guarani não passando de pretexto para namorar uma menina que morava nas imediações (...)

Rádio é mesmo uma coisa misteriosa. Começou fazendo sucesso na sala de visitas, acabou na cozinha. Cedeu lugar à televisão, que já vai pelo mesmo caminho. Ninguém que se preze, além das cozinheiras e dos motoristas de caminhão, tem coragem de se dizer ouvinte de rádio – a não ser de pilha, colado ao ouvido, quando apanhado na rua em dia de futebol. Mas a verdade é que tem quem ouça. Ainda me lembro que Francisco Alves morreu num fim de semana, sem que a notícia de sua morte apanhasse nenhum jornal antes do enterro: bastou ser divulgado pelo rádio, e foi aquela apoteose que se viu.

Todo mundo afirma que jamais ouviu rádio, e põe a culpa no vizinho, embora reconhecendo que deve ter uma grande penetração, “principalmente no interior”. Os ouvintes, é claro, são sempre os outros.

Mas estou pensando no mistério que é o rádio, porque de repente me ocorreu ter vivido uma experiência para cujas conseqüências não encontro a menor explicação, e que foram as de não ter conseqüência nenhuma.

Todo mundo sabe que a BBC de Londres é uma das mais poderosas e bem organizadas estações radiofônicas do mundo. Seus programas para o estrangeiro, pelo menos desde a última guerra, se notabilizaram como o que há de mais completo e eficiente. Entre eles, o que é dedicado ao Brasil até parece merecer da famosa transmissora uma atenção especial: são excelentes seus locutores, redatores e funcionários (...) E a eles devo a especial deferência de ter sido convidado para integrar a equipe brasileira da BBC durante minha permanência em Londres. Ao longo de dois anos e meio, chovesse ou nevasse, fizesse frio ou gelasse, compareci semanalmente aos estúdios do austero edifício da Bush House em Aldwich, para gravar uma crônica, transmitida toda terça-feira exatamente às oito e quinze da noite, hora de Brasília, ou zero hora e quinze de quarta-feira, conforme o Big Ben. Eram em torno de dez minutos do texto que eu recitava como Deus é servido, seguro de estar sendo ouvido por todo o Brasil, “principalmente no interior”. E imaginava minha voz chegando a cada cidade, a cada fazenda, a cada lugarejo perdido na vastidão da pátria amada. Nas próprias capitais, não era difícil escutar na minha imaginação, alguns milhares de ouvintes dizendo “está na hora da crônica do Sabino”, e passando da onda-longa à onda-curta, depois de ter ouvido com unção a “Hora do Brasil”.

Pois bem - e aí está o mistério que me intriga: sei de fonte limpa que os programas da BBC têm no Brasil esses milhares de ouvintes. No entanto, nunca encontrei alguém que me tivesse escutado: nem um comentário, uma palavra, uma carta, ainda que desfavorável - nada. A impressão é de que passei todo esse tempo falando literalmente para o éter, sem que nenhum ouvido humano me escutasse.

Não cheguei a acreditar que os ouvintes, caso eu morresse, acorriam de todos os lados, como para o enterro de Francisco Alves, nem que, compadecidos, me mandassem um dinheirinho, como para a campanha da Boa Vontade do Zarur. Mas contava ao menos com *aquele* - ou *aquela* - ouvinte, para quem uma palavra basta, que dirá dez minutos de falação. E nada. Desiludido, dei por encerrada a minha carreira radiofônica.

*Concluída a leitura, dona Araci fechou o livro, falando consigo mesma:
- Pois saiba, senhor Sabino, que eu ouvia os seus casos pelo rádio.*



A crônica inicia-se com a expressão **modéstia à parte**. No dicionário, o verbete **modéstia** aparece assim:

modéstia. [do lat. *modestia*] S.f. **1.** Ausência de vaidade; despreensão, desambição; simplicidade. **2.** Reserva, pudor, decência, gravidade, compostura. **3.** Moderação, sobriedade.

Sabendo o que significa **modéstia** e considerando que **à parte** pode significar *fora, isolado*, concluímos que, com **modéstia à parte**, o autor quis dizer que ia falar sobre si e sua experiência confessando sua vaidade sem nenhuma reserva ou moderação. É como se ele avisasse: “*sou vaidoso mesmo*”. No entanto, o uso da expressão **modéstia à parte** ameniza a vaidade de quem fala, tornando até simpática sua confissão.

1. Pense em coisas que você realiza tão bem que nem se importa de se elogiar e de ser chamado de imodesto. Crie, então, frases com a expressão **modéstia à parte**. Tome como exemplo a frase de Fernando Sabino que acabamos de ver.

.....
.....
.....
.....

2. A crônica de Fernando Sabino tem outras palavras que merecem uma consulta ao dicionário: **pretexto, deferência, apoteose, austero, notabilizar, unção**. Consultando o dicionário, identifique o sentido que elas têm na Crônica. Depois, crie uma frase empregando a palavra destacada e mantendo o mesmo sentido. Siga o modelo:

“a Rádio Guarani não passando de um **pretexto** para namorar uma menina”

Sentido da palavra: desculpa

Nova frase: Ele sempre arranja um **pretexto** para faltar às reuniões noturnas.

- a) “E a eles devo a especial **deferência**” (...)

.....
.....

- b) (...) “foi aquela **apoteose** que se viu.”

.....
.....

- c) (...) “compareci semanalmente aos estúdios do **austero** edifício” (...)

.....
.....

- d) “Seus programas (...) se **notabilizaram** como o que há de mais completo e eficiente.”

.....
.....

- e) (...) “depois de ter ouvido com **unção** a Hora do Brasil.”

.....
.....

Entendimento

1. Identifique no texto as rádios em que Fernando Sabino teve experiência como locutor. Em seguida, indique em qual delas a experiência foi como **profissional** e em qual foi como **amador**.
2. Explique por que Fernando Sabino é **conterrâneo** de Luís e de dona Araci.
3. Explique por que o autor considerou, mais de uma vez, o rádio como um **mistério**.
4. Na crônica, Fernando Sabino expõe sua opinião sobre o rádio. Você acha que a opinião dele é mais parecida com a de Luís ou com a de dona Araci? Justifique sua resposta com base na crônica.
5. Indique que passagem da Cematexto mostra que Fernando Sabino fez uma avaliação errada em relação ao seu programa de rádio.



Reflexão

Discuta com seus amigos estas questões e compare as respostas. Tente não ficar no “achismo”: “eu acho isso, você acha aquilo...”; **justifique** sua opinião.

1. Você acha que Luís foi indelicado ao mencionar novamente a dona Araci um assunto que eles já haviam discutido? Você acha que as discussões devem ser esquecidas ou retomadas até que o assunto se esgote?
2. Você concorda com a afirmação de Fernando Sabino de que todo mundo garante jamais ouvir rádio? Será que ouvir rádio é motivo de vergonha? Por que as pessoas colocariam a culpa em outras por ouvir rádio? Será que o rádio, de fato, saiu da sala e foi para a cozinha?
3. Fernando Sabino disse que a desilusão o levou a dar fim a sua carreira radiofônica. Você concorda que a ausência de cartas e comentários indicava que o programa dele não tinha ouvintes?



Luís disse a dona Araci que a irmã dele gostava muito de ler:

“ela [minha irmã], **que vive de livro na mão**, leu pra mim uma crônica.”



Construindo a frase dessa forma, além de dizer que sua irmã tinha lido uma crônica, Luís apresentou uma característica da irmã que **explica** por que ela tomou a iniciativa de ler algo para ele. Observe que a característica da irmã vem no meio da frase, entre vírgulas. O trecho poderia ter sido escrito assim: *Minha irmã leu uma crônica para mim. Ela vive com um livro na mão.* Porém, essa forma de dizer as coisas seria bem menos expressiva do que a construção que fez Luís.

1. Crie frases desse tipo usando os elementos que vamos apresentar. Veja o modelo:

Ari Barroso / entendia muito de música / contratava calouros.

Ari Barroso, que entendia muito de música, contratava calouros.

a) Rádio Record / foi a pioneira em São Paulo / pertencia a um governador.

.....
.....

b) Getúlio Vargas / era um presidente muito popular / usava sistematicamente o rádio.

.....
.....

c) A Rádio Nove de Julho / defendia a justiça / teve seus transmissores lacrados mediante decreto do presidente Médici.

.....
.....

2. Na aula anterior, trabalhamos com **verbos** na Reescritura. Nesta aula, trabalharemos com os **complementos verbais**, isto é, com as palavras ou expressões que completam o sentido do verbo. Você vai treinar isso completando o resumo que se segue da história de hoje. Mas, cuidado! Lembre-se de que alguns verbos aceitam complemento **sem preposição** e outros apenas **com preposição**!

O rapaz chamou..... e emprestouum livro.

Ela abriu o livro e iniciou

A crônica escrita por Fernando Sabino, falava

Segundo o autor, quando ele trabalhou na BBC, em Londres, nenhum ouvinte acompanhou..... Isso era um mistério para ele.

Dona Araci acabou a....., fechou o

e disseque ela havia acompanhado.....

